Infoinclusão de portadores de sofrimento psíquico

Deise J. Francisco[1], Glaucio J. C. Machado[1], Cleci Maraschin[2], Margarete Axt[3], Juliana de O. Gudolle[4], Juliana P. Renz[4]

[1]Departamento de Ciências Humanas – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Santo Ângelo – RS/Porto Alegre – RS – Brazil

[2] Instituto de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre – RS – Brazil

[3] Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre – RS – Brazil

[4]Departamento de Ciências Humanas – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Santo Ângelo – RS – Brazil

{dfrancis,gcmachado}@urisan.tche.br, clecimar@orion.ufrgs.br,
{maaxt2002,juprenz}@yahoo.com.br, juligudolle@ibest.com.br

Abstract. *The present article reflects on a work of field carried through in the modality of project of extension developed in a university of the interior of the state of the RS. The work proposal is based on the accomplishment of workshops of computer science for carrying people of psychic suffering, users of the service of mental health of the city, with intention to constitute nets with the use of technological resources. The perspective of the digital inclusion has been a quarrel in developing countries, also as a vehicle for the social inclusio. How much to the carriers of psychic suffering, since the law of the Psychiatric Reformation, it has services of mental health substitutes to the asylum, acting in the perspective of social qualification, of respect to the differences, construction of citizenship through, also, of the social inclusion.*

Resumo. *O presente artigo reflete sobre um trabalho de campo realizado na modalidade de projeto de extensão desenvolvido em uma universidade do interior do estado do RS. A proposta de trabalho baseia-se na realização de oficinas de informática para pessoas portadoras de sofrimento psíquico, usuárias do serviço de saúde mental do município, com intuito de constituir redes de convivência com o uso de recursos informatizados. A perspectiva da infoinclusão tem sido uma discussão em países em desenvolvimento, inclusive como um veículo para a inclusão social. Quanto aos portadores de sofrimento psíquico, desde a lei da Reforma Psiquiátrica, há serviços de saúde mental substitutivos ao manicômio, atuando na perspectiva de habilitação social, de respeito às diferenças, construção de cidadania através, também, da inclusão social.*

1. Infoinclusão e perspectivas de cidadania em saúde mental

O uso das tecnologias digitais demonstrou, no âmbito da educação, um grande potencial para incrementos quanto à aprendizagem, à sociabilidade e inclusão de minorias; no âmbito da medicina, exames, diagnósticos, sistemas especialistas (http://www.telemedicina.org.br, por exemplo). Inclusive, as iniciativas em inclusão digital ou de infoinclusão apontam para uma relação entre sociabilidade, uso dos recursos informatizados com fins de democratização, acesso e criação da informação e também, constituição de redes de conversação em saúde (TEIXEIRA, 2005); porém seu uso é mais tímido no tocante às intervenções em saúde mental.

Podem ser elencadas algumas ações que agregam as Tecnologias da Comunicação e Informação na saúde mental. Entre elas estão as atuações do CDI (Centro de Descentralização da Informação), que tem desenvolvido projetos especiais dentro de sua plataforma de uso de computadores para democratização da informação, uso da rede e constituição de cidadania para classe popular, populações indígenas e psiquiátricas. Além desta, há o uso de recursos de realidade virtual como auxiliar em tratamentos de reabilitação psicossocial (RIVA et. all, 2000); bem como ações de (re)socialização, composição de novas relações do portador de sofrimento psíquico consigo e com o outro na perspectiva da coletivização (rede de convivência). Como exemplo, temos as atividades de web rádio e listas de discussão sobre temáticas ligadas à saúde mental disponíveis no site http://www.deliriocoletivo.com/, bem como as oficinas ligadas ao CIAPS do Hospital São Pedro de Porto Alegre com adolescentes.

Assim, os trabalhos realizados com as tecnologias digitais, no âmbito da infoinclusão, objetivam a disponibilização de computadores para classe popular. O acesso é o primeiro passo para possibilitar a produção, seleção e significação da informação e a construção de conhecimento por sujeitos e coletividades. Isso significa que se aposta, a partir do uso do recurso informatizado, na construção de conhecimento, na constituição de redes de solidariedade, de acesso aos bens sociais e políticos bem como na ressignificação do lugar de despossuído ou de excluído social.

Assim, o projeto extensionista baseia-se nesta perspectiva, sendo que a produção é a principal via investida, até porque é neste aspecto que a infoinclusão se dá de forma ampla e profícua. Acreditamos que não basta o acesso, a leitura, o desfrute dos bens e serviços disponibilizados pela sociedade da informação/conhecimento. É fundamental a tomada de poder, produção em nome próprio das minorias sociais, a disseminação de pontos de vista e de formas de produção de vida e modos de viver não hegemônicos.

No âmbito da saúde mental, a exclusão psicossocial é marcada tanto pelo acesso dos portadores de sofrimento psíquico aos bens sociais bem como pelo trânsito por espaços sociais. Muitas vezes, apesar de não existirem mais fronteiras claramente definidas, as pessoas acabam tendo percursos bastante limitados, perfazendo um circuito casa-igreja-Caps definido. A maior parcela de usuários de saúde mental no município em que ocorre a oficina é oriundo de classe popular, não dispondo de acesso a computadores nem a Internet. Para além da simples capacitação (aprender a usar o computador), a produção, seleção e significação da informação têm como objetivo a criação de outras possibilidades subjetivas e a divulgação de informações sobre saúde mental. O fato da atividade estar vinculada à universidade produz uma inserção ao meio acadêmico, o que, de outra forma, seria muito improvável.

2. Apresentação da oficina

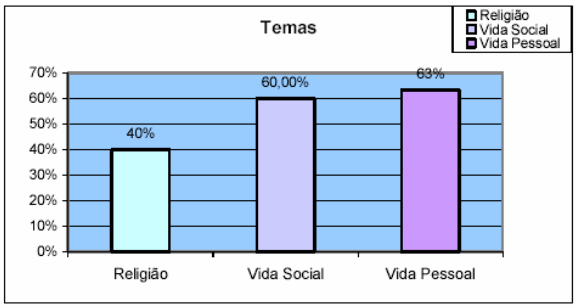
O projeto de extensão universitária visa a constituição de espaços virtuais para convivência e trocas entre portadores de sofrimento psíquico. A proposta é a de construção de um espaço no qual possam ser manifestas e exibidas as produções dos participantes do projeto no uso de diversas matérias de expressão, tais como a escrita, a música, o desenho. As oficinas são realizadas semanalmente, em dois grupos, desde o ano de 2004, em um laboratório com 07 computadores ligados em rede e com acesso à Internet, com uma impressora jato de tinta. Participaram dos encontros, ao longo dos anos, 30 participantes, adultos, de ambos os sexos, usuários do Caps, portadores de sofrimento psíquico, com diversos diagnósticos psiquiátricos.

Os recursos mais utilizados são: editor de texto, editor de imagem, editor de som, software de animação e Internet para construção de projetos individuais e grupais. Os participantes da oficina, com o apoio de bolsistas de Ciências da Computação e de Psicologia, desenvolvem seus projetos, com o intuito de promover aprendizagem e uso das ferramentas digitais, bem como expressão da subjetividade e produção de obras que são, posteriormente, apresentadas à equipe do estabelecimento de saúde e às famílias.

2.1 Breves resultados

Foi realizada análise das produções construídas pelos participantes (arquivos salvos nos computadores do laboratório onde ocorrem as oficinas) e constatou-se que, enquanto temática, houve um direcionamento para assuntos religiosos (religião), produções dirigidas a outras pessoas sejam elas amigos, parentes, equipe do CAPS (vida social) e assuntos pessoais (vida pessoal). O gráfico abaixo traz os percentuais dos temas mais trabalhados na produção dos participantes da oficina:

Gráfico 1: Temas



A religião foi tema de conversas sobre a importância de Deus na vida, de interdições das produções (como diz um participante: “não posso jogar, pois sou crente” ou “não falo sobre vinho, porque sou crente”). A figura de Deus planava sobre a oficina e se materializava na busca de leituras em sites (como http://www.jesus.com.br), cópias de passagens bíblicas no editor de texto, escrita de textos em que a mística e a moralidade religiosa constituíam trilhas possíveis para o viver, para um viver mais de acordo com um acordo social (da igreja da qual o participante faz parte) e de um discurso que dê coordenadas sobre limites, certo/errado, que, de alguma forma, delimite uma margem possível e mais estabilizada para a subjetividade.

A vida social despontou como tema quando familiares e amigos adentraram virtualmente a oficina (através de trocas de e-mail, por exemplo) e os participantes

produziam arquivos para os mesmos. Freqüentemente em memória a datas comemorativas em que o afeto se espalhava sobre o teclado e o vídeo, chegando à impressora: cartões de Natal, de aniversário, de agradecimento para familiares, amigos, equipe do Caps e equipe extensionista. Alguns textos eram capturados da Internet, copiados para editor de texto ou de imagem, alterados de forma mais intensa ou menos intensa, personalizado e enviado ao destinatário. A foto do remetente era, muitas vezes, acoplada à produção, dando sinal da autoria e da presença facial na dedicatória.

A produção, assim, teve seu escoamento para casas, ruas e caixas de outras pessoas. Uma participante *scaneava* fotos antigas da família, suas próprias fotos para que ficassem mais bonitas, mais atualizadas e multiplicadas. No império das cópias, muitas impressões foram feitas, tanto de repetições do mesmo para presentear para sujeitos diferentes, quanto para deixar cópia nos murais do Caps, quanto para consumo pessoal (etiqueta para marcar data de consultas médicas, figuras *scaneadas* para os usuários do Caps pintarem em oficinas do estabelecimento, fotos dos integrantes da oficina, orações, cânticos da igreja com fonte maior do que a que consta no livrinho da missa, para que familiares pudessem ler...). A proliferação e a materialização constaram como nó de conexão do acoplamento usuário/participante-máquina.

Outro *link* com a vida social foi efetivado quando um participante se comunicava com uma familiar via e-mail, viabilizando a rede de convivência do participante com a família desde um prisma de potência e de realização de uma obra, seja por retomar a história familiar, por conectar familiares com outros que estão distantes geograficamente ou por “apoderar-se” de uma máquina como o computador, socialmente valorizada por vetores como inteligência, capacidade e produção de “coisas” úteis. O vetor da utilidade na família pode ter sido ativado para alguns.

A vida pessoal refere-se à produção de diários pessoais, de escrita ou cópia de poesias de autoria própria ou de outrem, de diálogos com o computador, nos quais ele é tido enquanto “analista”, ou seja, um outro que ouve sem reclamar, censurar ou sugerir. Aqui salientamos algumas atividades desenvolvidas, sem o intuito de sermos exaustivos neste processo. A título de exemplo, destacamos três experiências:

(a) conversas síncronas utilizando o ForChat

O software é um híbrido entre o mural, o chat e o fórum, construído com fins de propiciar o diálogo (AXT et al., 2003). No ForChat, por exemplo, as conversas entre 04 participantes iniciaram em tom de brincadeira, evidenciado pela troca de personagens e pela encarnação dos perfis escolhidos. A encarnação dos personagens foi muito interessante, pois, nas conversas o exercício do cuidado com as fronteiras entre cada um e o outro foram cuidadosamente traçadas. Na conversa entre um participante do sexo masculino e uma do sexo feminino, o tom sexual foi constante e manifestado nas figuras do vampiro e da gatinha. A gatinha, esquiva, a todas as investidas do vampiro fugia, parava, por vezes e, por outras, mostrava suas garras. Na dança efetivada no ForChat, a mudança de personagem também serviu ao andamento do diálogo.

Esquiva, fuga, ataque. Como num movimento estrategista, as palavras iam sendo traçadas, seguidas de sons de riso e de espanto. Ao largo dessa conversa, outras foram se tramando, menos densas, mais rápidas. O encontro com o ForChat serviu como momento lúdico e de conversas apimentadas, porém, as propostas de continuidade de uso foram sendo rechaçadas, na medida em que outras composições foram se

fortalecendo. A composição ficou fechado nela mesma, sem bifurcação aparente. A brincadeira de iniciar o contato com a ferramenta presencialmente se viabilizou, porém não viabilizou outros desdobramentos e mesmo uso da ferramenta.

(b) escrita colaborativa no Equitext

Outra atividade que envolvia a constituição de um comum foi a de escrita colaborativa no Equitext. Esta é uma ferramenta que objetiva auxiliar a escrita colaborativa/cooperativa de textos, em grupo, de forma síncrona ou assíncrona, via Web. O termo EquiText advém da união dos vocábulos 'equipe' e 'texto', os quais caracterizam a própria ferramenta. Nesta existem três personagens: o administrador, o proponente de temas e o colaborador (ALONSO, RIZZI & SEIXAS, 2003).

Aqui, havia um tema de escrita: a luta antimanicomial. A escolha do tema se deu devido às últimas experiências do grupo no tocante às atividades comemorativas ao dia 18 de maio, dia da Luta Antimanicomial e marco nas atividades de desinstitucionalização da loucura, de quebra do modelo hospitalar e de constituição de serviços alternativos de atenção à saúde mental. É possível observar que a maior parte das ações efetivadas pelos participantes referiu-se à inclusão de parágrafos, com pouca mobilidade no corpo do texto. Apesar de dita a possibilidade de alteração do texto anterior, esta explicitação não consome com necessidades impostas à construção coletiva. Esta implica o aceite do outro na intromissão em sua obra, uma separação entre a obra e o sujeito, a existência do texto por si mesmo, com dinâmica própria. No estilo depoimento que o texto traçou através das linhas escritas pelos participantes, esta intromissão parecia deslocada. Após a escrita, todos lemos o texto ao final, colocamos no mural.

A experiência da singularidade foi mais forte. Foi um espaço de depoimentos e não de construção coletiva. O texto parece um mosaico, em que cada participante pega um pedaço e o desenvolve, de acordo com sua singularidade. O convite inicial dizia que “O texto vai ser coletivo, de todos nós” e assim o foi. Cada parágrafo tornou-se um pequeno texto, como uma conversa e m que cada um diz sobre sua posição, sua opinião. Porém, o tom de depoimento e de avaliação foi se desmanchando em nome de um coletivo maior, a luta antimanicomial. A escrita colaborativa em suportes digitais tem sido muito discutida no âmbito educacional como uma alternativa viável para a cooperação, colaboração, interatividade (MARASCHIN, 2000). A perspectiva de coletivo aqui se manifesta na produção de uma obra coletiva, em que cada um atua, auxilia, podendo interferir na escrita do outro. Uma escrita de muitas interferências, de supremacia do pensamento em detrimento do “colega”. O que importa é, antes, a construção de um texto de autoria coletiva que possa ser lido por outros. Coletivo e outros parece ter sido o que vazou na experiência da oficina, no advento do comum.

(c) construção do site do CAPS

A construção de um espaço virtual de divulgação do Caps foi um vetor de criação de um comum voltado para o grande público, aqui entendido como os usuários da Internet. A perspectiva de publicização do CAPS só se tornou significativa para os participantes quando eles perceberam que alguém conhecido poderia ler e reconhecer a autoria da obra. A construção do site foi feita por um conjunto de pessoas, mas articulado por um participante. A disposição dos *links*, os conteúdos foram construídos pelos participantes e disponibilizados para o articulador final. Após sua disponibilização, alguns participantes perguntam sobre o site para saber se suas produções podem ser vistas por

outras pessoas, para que elas possam disponibilizar para outros. A “cultura digital” aos poucos vai se conectando com a vida cotidiana dos participantes, na medida em que eles conhecem pessoas com as quais podem trocar informações, pessoas que são incluídas digitalmente e, para as quais, o jargão informático faz girar sentidos e formas de vida.

3. A d’obra da loucura na rede

O percurso da oficina, após tentativa de se construir atividades coletivas foi se desenhando a partir dos agenciamentos manifestados em cada corpo, em suas afecções. Percebemos que o coletivo produzido pelos portadores de sofrimento psíquico foi aberto à mais pura singularidade e a ocupação da rede se deu de formas ímpares. Este percurso faz pensar sobre a própria noção de comunidade e de coletivo tão em voga em tempos de internet. Os coletivos parecem ter reforçado seu vigor na contemporaneidade com o evento das tecnologias de comunicação e informação com um vetor para o comum, o sinergético, um ponto de confluência, por vezes entendido como ponto de identidade. A própria aposta nos coletivos, desde as experiências de comunidades educativas, estabelecimentos de saúde mental, cooperativas passou, muitas vezes, por ideais de uma comunalidade que parece ou perdida, ou mesmo nunca existente. Isso porque sustentado por um ideal de homogeneização e de consenso em tom de ditadura da maioria, bem como de tentativa de normalização.

Os movimentos comunitários foram alimentados, muitas vezes, por ideais de identidade, semelhança, bem-comum, como fusão de todos em um só. Muitas vezes mantida por sentimentos religiosos (vide as Comunidades Eclesiais de Base, conforme MACHADO, 1999), a vida comunitária tendia a uma relação em que o parentesco, a vizinhança, a territorialidade, os laços de solidariedade vingavam. Com o advento das tecnologias da comunicação e informação, das trocas baseadas em interesses e não em traços identitários (raça/etnia, sexo, filiação sindical, credo,...) a comunidade volta com força, tanto que falamos em comunidades virtuais, em escrita colaborativa, em sinergia coletiva. Sobre comunidade virtual, Rheingold (1999) dizia, por exemplo, que esta é “social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace”. Assim, o sentimento de pertença a uma entidade é um dos elementos fundamentais das comunidades virtuais, sustentado em situação de dispersão geográfica, social e econômica e mediado pelo anonimato de seus membros.

Para a emergência das relações virtuais são criadas normas consensuais de interação, o que inclui a autorreflexão sobre a participação na comunidade e a agência de combinações comuns. Porém, este movimento parece deslocado devido a uma contraforça, um movimento de neurotização da rede, com a criação dos portais-currais, das homepages não atualizadas, das páginas pessoais cartão-de apresentação. Por outro lado, os blogs, flogs, tecnologias livres reativam a linha de desterritorialização da rede e de suas conexões (PRIMO, 2002). Os movimentos de ocupação do espaço da Internet são múltiplos, tanto que se torna difícil falar em uma informática, um computador.

No atendimento aos portadores de sofrimento psíquico, Lancetti (2006) já avisava que o vetor em grupos de psicóticos deveria ser diferente daquele utilizado em grupos com neuróticos, pois gera impasses e falta de efetividade nas ações. A construção de momentos de coletivo, de um coletivo não regido pelo funcionamento neurótico, parece ser a saída ou a entrada para processos de constituição de formas de vida diversas das

aceitas socialmente neste momento. Parece que a transcedentalização do comum, com suas marcas teleológicas é o que constrange a comunidade, pois na comunhão, todos se tornam um, se compõe com um só corpo, corpo prenhe de sentidos e de clichês. Para Pelbart (2003), a tomada do comum passa pelo bios social e pelos elementos que compõem a matéria de produção da vida mesmo. Lancetti: "O comum" é baseado na comunicação entre singularidades e se manifesta por meio de processos sociais de cooperação e produção. As singularidades não são tolhidas "no comum". Elas levam ações e paixões coletivas, solidárias, e tecem fio a fio redes microssociais de alto poder terapêutico". (2006, p. 94). Assim, a linha de constituição de um comum foi percorrendo a oficina.

Deleuze fala sobre a comunidade dos celibatários, comunidade dos que não comungam nada em comum, nenhuma identidade, nenhuma atividade, nenhuma tarefa. Trata-se de uma comunidade de singularidades repousadas em algo comum: "comunidade como compartilhamento de uma separação dada pela singularidade" (PELBART, 2003, p. 33). Idéia interessante esta que traz a alteridade como marca da comunidade, do que é comum, mas comum enquanto o que possibilita a ruptura com as formas de organização do tipo partido político, sexo, religião, confraria. O autor cita Jean-Luc Nancy que fala sobre o estar-em-comum, estar-com. Esta forma de relação pode fazer resistência à globalização, aos movimentos identitários, aos fundamentalismos. Essa perspectiva trata da resistência na multidão feita pelo sujeito comum que, na recusa da tomada do poder, na fuga, na denúncia do Uno consegue brechas para constituir outros territórios existenciais. Não se fala aqui no psicótico ou na loucura, como se essa forma de resistência fosse louca. Mas, me parece haver alguma ressonância entre a experiência da loucura, enquanto conectada com a caosmose e a resistência do sujeito comum.

Potente referência que parece tratar mesmo dos arranjamentos humano-máquina feito pelos participantes da oficina ao se engajarem, conversarem, constituírem um estar-em-comum e, ao mesmo tempo, denunciar a ausência de um comum que tenha força de agregação, de fusão. A experiência de uso da Internet e das comunidades virtuais como citado acima lembra a experiência da loucura, na perda de referências, vivência de outros espaços-tempos, criação de formas alternativas de vida para além do presencial.

4. Infoinclusão e saúde mental

A busca por dispositivos que possibilitem a construção de um comum e espaços de subjetivação e cidadania em saúde mental é um desafio dos tempos atuais, nos quais as políticas públicas, o preconceito, a globalização, o desenvolvimento da farmacologia disputam o cotidiano e se defrontam na atenção ou contenção da saúde mental. Vivemos em um período que é constrangido por violência e escassez de recursos. Sendo assim, apostamos na construção de redes de convívio que ultrapassem as fronteiras geográficas e que possam ser veículos de fala e de posicionamento de formas de existência não hegemônicas e como saídas anticonstrangedoras. Através da prática de infoinclusão pudemos acompanhar os efeitos na subjetividade e nas relações familiares, sendo que esta experiência demonstra a viabilidade do uso de recursos informatizados na habilitação psicossocial de portadores de sofrimento psíquico.

Não utilizamos, para esta análise, nenhum instrumento como dados neurológicos ou outros tipo de avaliação psicológica, pois a oficina está construída sobre a possibilidade de diálogo e de produção de arquivos. Para tanto, as habilidades trabalhadas para o

manejo do computador auxiliaram nas relações psicossociais. Constatamos que a aprendizagem do uso dos recursos informatizados foi alcançada, na medida em que os participantes da oficina realizaram atividades cotidianas no computador (abrir arquivos, salvar documentos, formatar, construir *homepage*, enviar e receber e-mails, dentre outras ações). Além disso, viabilizou-se o diálogo no grupo, com a disponibilização e construção de arquivos que foram agrupados na *homepage* do Caps. Para finalizar, trazemos a escrita de um participante da oficina postado no Equitext, no texto coletivo:

"Como o tema principal é Luta Antimanicomial e Inclusão Digital, os dois assuntos são complementares. Um é que eu nunca estive em clínicas psiquiátricas, não sei o que é e jamais quero estar em um deles ou conhecer qualquer que seja como queiram que chamem. Eu quero dizer que saúde mental existe e é possível atingi-la e a inclusão digital é de muita importância, pois vem quebrar um monte de preconceitos, como o medo de aprender ou mesmo de errar, o de estar entre pessoas diferentes, mas humanas, sensíveis e compreensíveis".

5. Referências

Alonso, C., Rizzi, C., and Seixas, L. (2003), "EquiText - Uma Ferramenta para Escrita Colaborativa na Web", www.tise.cl/archivos/tise2003/software/software_equitext.pdf, Novembro.

Axt, M., Medeiros, F. and Stuermer-Daitx, T. (2003) "Desenvolvimento do software de comunicação ForChat", http://www.lelic.ufrgs.br/webteca/for-chat.pdf, Março.

Lancetti, (2006). Clínica peripatética. São Paulo: Hucitec.

Machado, G. (1999). Qual é a Comunidade das CEBs-Uma análise sociológica do Conceito de Comunidade Formulado pelos teóricos das CEBs. Dissertação.

Maraschin, C. (2000). "Redes socioculturais e as novas tecnologias da comunicação e da informação". In: Tania Mara Galli Fonseca; Deise Juliana Francisco. (Org.). Formas de ser e habitar a contemporaneidade. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, p. 55-62.

Pelbart, P. (2003) Vida capital : ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras.

Primo, A. (2002) "Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva", http://www.pesquisando.atraves-da.net/quaum_interativo_hipertexto.pdf.

Rheingold, H. (1999) "The Virtual Community", http://www.well.com/user/hlr/vcbook, Julho.

Riva, G., Bacchetta, M., Baruffi, M., Cirello, G., Molinari, E., (2000) "Virtual Reality environment for body image modification: a multidimensional therapy for the treatment of body image in obesity and related pathologies", Cyberpsychology and Behavior, 3(3), p.421-431.

Silveira, S. (2001) Exclusão digital: a miséria na era da informação. São Paulo: Perseu Abramo.

Teixeira, R.R. 2005 "O desempenho de um serviço de atenção primária à saúde na perspectiva da inteligência coletiva" (pdf) In *Interface - comunicação, saúde, educação*. 9(17):219-34.